

## 5

### A Sociedade Contemporânea e os Processos Flexíveis de Controle

O doutor Benway foi nomeado conselheiro da república de Liberlândia, uma terra dedicada ao amor livre e aos banhos constantes. Seus cidadãos são bem ajustados, cooperativos, honestos e, acima de tudo, limpos. Mas a convocação de Benway sinaliza que nem tudo vai bem por trás dessa fachada higiênica. Benway é um manipulador, um coordenador de sistemas simbólicos, um especialista em todas as etapas de interrogatórios, lavagens cerebrais e formas de controle. (...) Lembro que o primeiro ato de Benway foi abolir os campos de concentração, as prisões em massa e, exceto em circunstâncias delimitadas e especiais, o uso da tortura.

William S. Burroughs – O Almoço Nu

#### 5.1

##### A Sociedade Disciplinar em crise

Numa conferência realizada no Japão, em 1978, Foucault se refere brevemente a uma crise na sociedade disciplinar. Eis como o autor coloca a questão:

Nesses últimos anos, a sociedade mudou e os indivíduos também; eles são cada vez mais diversos, diferentes e independentes. Há cada vez mais categorias de pessoas que não estão submetidas à disciplina, de tal forma que somos obrigados a pensar em uma sociedade sem disciplina. A classe dirigente continua impregnada da antiga técnica. Mas é evidente que devemos nos separar, no futuro, da sociedade de disciplina de hoje (Foucault, 1978 d: 268).

No entanto, Foucault não faz nenhum comentário adicional - e tampouco isso é perguntado a ele - sobre as possíveis características de uma sociedade pós-disciplinar. Na obra de Foucault, uma sociedade sem relações de poder é uma abstração. Logo, quando ele se refere ao fato de que indivíduos não estariam submetidos à disciplina, não está dizendo que essas pessoas não se encontram entrelaçadas em relações de poder. E quais seriam, portanto, as formas de atuação de um poder, desenvolvidas dentro da sociedade capitalista, que comportariam indivíduos tão “diversos, diferentes e independentes”? Este último aspecto – independência - parece ser dos três o mais enigmático.

É Deleuze quem irá, doze anos depois, propor a idéia de uma Sociedade de Controle. Foucault usa o termo *controle* em sua obra de uma maneira mais geral quanto à atuação do poder na modernidade, tanto na anátomo-política como na biopolítica.

A proposta de Deleuze é, no entanto, a de uma nova forma social. Logo, o controle para Deleuze implica em muitas considerações conceituais. O que pretendemos mostrar aqui é que, mesmo que em alguns momentos Foucault defina a sociedade disciplinar de uma maneira que possa bem caracterizar o mundo contemporâneo<sup>3</sup>, a proposta de Deleuze é, por outro lado, uma formulação muito eficaz para estudarmos o biopoder na atualidade.

## 5.2

### Aspectos Gerais da Sociedade de Controle

Sociedade de Controle foi um termo criado por Deleuze para caracterizar um tipo de sociedade que vinha se desenvolvendo após a Segunda Guerra Mundial, como uma espécie de derivação, desdobramento da sociedade disciplinar. Se na nova sociedade continuamos num regime de biopoder, ela, por outro lado, vem instaurar mecanismos qualitativamente diferentes na forma de gerir a vida.

Em primeiro lugar, na sociedade disciplinar havia em cada instituição práticas isoladas, enfatizando aspectos isolados do ser humano, como a loucura, as relações familiares, o estudo, o trabalho. Na sociedade de controle os muros institucionais caem e a vida como um todo é organizada no campo social.

Quando se diz que na sociedade de controle os muros entram em colapso isso significa que a lógica das instituições não se restringe mais apenas ao seu interior, mas se encontra dissolvida pela vida social. Não há um espaço definido do poder. Para tanto, a sociedade de controle utiliza os mecanismos disciplinares de forma muito mais flexível: pode-se pensar que o poder soberano era

---

<sup>3</sup> Como nessa passagem:

“E aquilo que se deve entender por disciplinarização das sociedades, a partir do século XVIII na Europa, não é, sem dúvida, que os indivíduos que dela fazem parte se tornem cada vez mais obedientes, nem que elas todas comecem a se parecer como casernas, escolas ou prisões; mas que se tentou um ajuste cada vez mais controlado – cada vez mais racional e econômico – entre as atividades produtivas, as redes de comunicação e o jogo das relações de poder”. (Foucault, 1982: 242).

dispendioso e exagerado se o compararmos com a economia de um regime disciplinar, mas aos olhos da nova estratégia, a disciplina ainda é um tanto custosa, pois se empenha em fazer com que todos os indivíduos se enquadrem em um mesmo procedimento. Por sua vez, a sociedade de controle se caracteriza por uma modulação, por uma maleabilidade e adaptabilidade dos mecanismos disciplinares: um poder mais *customizado*.

Se os meios são mais “democráticos”, como afirmam entre outras Hardt e Negri (2001: 42), por outro lado também não se encontraria um *fora* do espaço institucional e o controle passa a se exercer na imanência do campo social. Por exemplo: a formação educacional e profissional, diz Deleuze, que se dava no interior dos muros institucionais, estarão cada vez mais indissociáveis e passarão a ser um aspecto da vida que os indivíduos irão desenvolver, de forma adaptável e variável, em um aperfeiçoamento sem fim. Se a disciplina tinha uma duração e um espaço determinado, o controle se exerce num contínuo. Na sociedade disciplinar, afirma Deleuze, nunca se para de recomeçar, de uma instituição a outra. E conclui: “o homem da disciplina é um produtor descontínuo de energia, mas o homem do controle é antes ondulatório, funcionando em órbita, num feixe contínuo” (Deleuze, 1990: 223).

A sociedade de controle é também a sociedade da *comunicação*. Podemos pensar em qualquer meio de telecomunicação e, na virada desse milênio, chegamos ao patamar de podermos transmitir, por meio digital, qualquer informação, em “tempo real”, para qualquer parte do planeta, através de vídeos, áudio, textos, planilhas etc. Para Deleuze, “é fácil fazer corresponder a cada sociedade certos tipos de máquina, não porque as máquinas sejam determinantes, mas porque elas exprimem as formas sociais capazes de lhes darem nascimento e utilizá-las” (Deleuze, 1990: 223). As máquinas correspondentes à disciplina são energéticas: é a relação do homem com a mecânica que está em questão. À sociedade de controle correspondem as máquinas informáticas: trata-se da relação do homem com a cibernética, com máquinas que produzem e transmitem informação. Portanto, o controle é uma prática de poder que não exclui a disciplina, visto que não está situado na dimensão mecânica. Porém, o novo regime acarreta uma modificação da anátomo-política elaborada em Vigiar e Punir, agora flexibilizada pelo controle. Hardt irá dizer que se reforçarão os

efeitos da disciplina. Trata-se, para o autor, de uma intensificação do processo: os mecanismos de normalização se encontram cada vez mais agrupados entre si e imanentes à vida social. E se torna cada vez mais difícil de encontrar o lugar de sua efetividade (Hardt, 2000: 368).

Se, por outro lado, pode-se ter a sensação de que há um enfraquecimento da disciplina, isso ocorre porque sua função de adestramento físico não é mais primordial. Como veremos mais detalhadamente à frente, além das formas de trabalho tender na contemporaneidade a se tornarem cada vez mais imateriais, a comunicabilidade e a produção de informação tendem também a fazer parte de todas as formas de trabalho e das relações sociais. Portanto, a previsibilidade dos indivíduos livres seria buscada menos por um programa de adestramento - inclusive para que os indivíduos então se comportassem de determinada maneira quando se encontrassem fora dos domínios da instituição - do que pela possibilidade de comunicação instantânea. Tanto em um caso quanto em outro, o que encontramos são as emissões de significado, a interpretação e a produção de informação.

Os mecanismos de controle são mais sutis porque não são meramente mecânicos e, portanto, não atuam diretamente sobre o corpo. Mas, por outro lado, isso não quer dizer que o controle não tenha o objetivo de atingir esses corpos, pois as forças físicas do corpo permanecem ainda, em diferentes intensidades, objetivo do biopoder: nos comportamos de determinada maneira, de acordo com os lugares e situações, seguimos horários, etc. Mas a forma de gestão dessa anátomo-política difere de uma sociedade à outra. No interior da estratégia de controle, ela é absorvida e modificada, se utilizado mecanismos mais leves para atingir um determinado fim. O controle pode apenas condicionar pela informação. Em sua fineza, ele somente estrutura um campo de condutas possíveis. Era justamente esse o aspecto que Foucault apontava como o mais próprio do poder.

### 5.3

#### A Questão do Confinamento

Seguindo o artigo de Gilles Deleuze, faremos um breve histórico da sociedade de controle. Para o autor, Foucault situa o apogeu da sociedade disciplinar no final do século XIX e início do século XX. A partir do fim da Segunda Guerra surgiram forças que então passaram a desenhar um novo tipo de sociedade. Essas transformações que Deleuze aponta datam inclusive do mesmo período histórico em que outros autores, como por exemplo, Fredric Jameson<sup>4</sup>, situam mudanças ocorridas no mundo capitalista.

Para Deleuze, Foucault já anunciava o fim das sociedades disciplinares. Se é verdade que em sua obra podemos encontrar elementos para pensarmos a respeito dessa mudança, devemos reconhecer, assim como Michael Hardt, que “é difícil encontrar, onde quer que seja na obra de Foucault – em livros, artigos ou entrevistas -, uma formulação clara da passagem da sociedade disciplinar para a sociedade de controle” (Hardt, 2000: 357).

Porém, muito se questiona se já estaríamos realmente na sociedade de controle ou apenas em um período de transição. De fato, neste início de século XXI, são inúmeras as novidades tecnológicas que surgem a cada dia e que por ventura poderiam vir a compor novas expressões de exercício de poder. Podemos trazer aqui como exemplos a proliferação das câmeras de vídeo e dos *transponders*<sup>5</sup>, bem como todas as formas de registro e monitoramento que se valem dos celulares, cartões de crédito e a navegação na internet. Isso nos leva a acreditar que estaríamos entrando de cabeça em uma sociedade cujos mecanismos de controle estão cada vez mais acentuados. Entretanto, Deleuze conclui que as “sociedades disciplinares é o que já nós não éramos mais, o que deixávamos de ser” (Deleuze, 1990: 219). Ou seja, mesmo no período em que Foucault se ocupou com a questão do poder, já não vivíamos mais em uma sociedade disciplinar.

---

<sup>4</sup> Para Jameson é nessa época que nasce a *pós-modernidade*. Embora a questão principal de Jameson seja a estética, o autor irá tratar as mudanças de estilo artístico como correspondente à transformação que o mundo estaria vivendo em sua economia: o capitalismo tardio. Ver Fredric Jameson “Pós-Modernismo: a Lógica Cultural do Capitalismo Tardio” Ed. Ática.

<sup>5</sup> Transponder é um misto de *chip* e antena, hoje já do tamanho de um grão de arroz, que permite sua localização e a transmissão da informação armazenada no *chip* a um outro banco de dados qualquer. Pode-se usar o transponder a qualquer coisa que se pretenda monitorar: corpos, documentos, mercadorias, carros, etc.

Deleuze faz corresponder a sociedade disciplinar “à organização dos grandes meios de confinamento” (Idem). A disciplina se daria, portanto, prioritariamente dentro dos espaços fechados das instituições. Eis como o autor descreve os caminhos percorridos pelo indivíduo na sociedade disciplinar:

O indivíduo não cessa de passar de um espaço fechado a outro, cada um com suas leis: primeiro a família, depois a escola (“você não está mais na sua família”), depois a caserna (“você não está mais na escola”), depois a fábrica, de vez em quando o hospital, eventualmente a prisão, que é o meio de confinamento por excelência (Idem).

No interior de cada instituição, funcionavam diferentes maneiras de se conceber o ser humano: na escola os alunos; na família, os parentes; na fábrica, operários, na penitenciária, os delinquentes. Para Deleuze, da sociedade disciplinar à de controle passamos do confinamento ao "controle contínuo e comunicação instantânea" (Deleuze, 1990: 216). O controle contínuo e a comunicação instantânea permitiriam que se exercesse uma ação sobre o indivíduo prescindindo dos muros que não o deixavam escapar à visão. Nestas condições, a sociedade disciplinar se encontraria em crise:

Encontramo-nos numa crise generalizada de todos os meios de confinamento, prisão, hospital, fábrica, escola, família. A família é um ‘interior’ em crise como qualquer outro interior, escolar, profissional, etc. Os ministros competentes não param de anunciar reformas supostamente necessárias. Reformar a escola, reformar a indústria, o hospital, o exército, a prisão; mas todos sabem que essas instituições estão condenadas, num prazo mais ou menos longo (Deleuze, 1990: 220).

A partir da obra de Foucault, já se pode observar que mesmo na sociedade disciplinar com seus confinamentos, o poder exercido pelas instituições não se restringia apenas ao interior de seus edifícios. Certo processo de “desinstitucionalização” já fazia parte da própria dinâmica das instituições disciplinares. Como podemos conferir nessa pequena passagem de *Vigiar e Punir*:

Enquanto, por um lado, os estabelecimentos de disciplina se multiplicam, seus mecanismos têm uma certa tendência a se desinstitucionalizar, a sair das fortalezas fechadas onde funcionavam e a circular em estado livre; as disciplinas maciças e compactas se decompõem em processos flexíveis de controle, que se pode transferir e adaptar (Foucault, 1975 b: 186).

A sociedade de controle seria, por um lado, um determinado momento da sociedade disciplinar em que se fortaleceram cada vez mais os *mecanismos* das instituições, convertidos por sua vez em processos flexíveis de controle e, por outro lado, um enfraquecimento dessas instituições em sua função de confinamento.

É possível interpretar a afirmação de Deleuze de que “instituições estão condenadas” (1990: 220) como a plena extinção destas. Contudo, é difícil encontrar indícios desta tendência. Como alega Michael Hardt (2000: 369), as instituições não acabaram (e no caso das prisões, nem o confinamento). Variando de intensidade em cada caso, diz o autor, seus mecanismos extravasaram pelo seu exterior: a lógica carcerária se espalha pela sociedade, os valores familiares são cada vez mais evocados, tornando assim os espaços interpenetráveis<sup>6</sup>.

Ainda nos detendo um pouco na questão do confinamento, observamos que na sociedade disciplinar ocorre um processo que se poderia chamar de “suspensão” do indivíduo, que o retira do campo social, processo esse que Foucault irá chamar de “quarentena”. (Foucault, 1975 b: 189) Hardt e Negri, por sua vez, irão apontar nesse processo certos resquícios de transcendência do poder:

As instituições que são a condição de possibilidade e que definem espacialmente as zonas de eficácia do exercício da disciplina, entretanto, mantem-se de certa maneira separadas das forças sociais produzidas e organizadas (Hardt & Negri, 2001: 351).

Portanto, a sociedade disciplinar tinha como clara desvantagem o fato de não lidar com o indivíduo no próprio campo social, mas dentro dos espaços delimitados pelas instituições com seus regulamentos internos. O que, em último caso, poderia até resultar em um processo de institucionalização do indivíduo, onde este “funcionaria” dentro da instituição, mas não conseguiria viver fora dela.

O próprio Foucault, em um artigo intitulado “O Asilo Ilimitado”, de 1977, aborda o fim do confinamento, no caso específico do hospital psiquiátrico. A partir das idéias de Robert Castel, Foucault irá dizer que a psiquiatria nunca se resumiu ao manicômio. Pelo contrário, ela nasceu com a pretensão de se estender

---

<sup>6</sup> Um comercial de televisão anuncia um telefone celular que teria vantagens para o envio de *e-mails*. Na animação, o sujeito atende o telefone e vê o ambiente à sua volta se transformar por completo num escritório de empresa. O que nos remete à Deleuze, quando este diz que os mecanismos de controle podem rivalizar com os mais duros confinamentos.

pela sociedade inteira. Como vimos anteriormente, essa questão é amplamente desenvolvida na obra de Foucault, principalmente em “Os Anormais”. Porém, é nesse pequeno artigo que podemos encontrar alguns elementos importantes para pensarmos a passagem para a sociedade de controle. Nele, Foucault faz a seguinte afirmação:

A psiquiatria não nasceu no asilo: ela foi, de saída, imperialista; ela sempre fez parte integrante de um projeto social global. (...) Especialistas [os psiquiatras] sobretudo de um certo perigo geral que corre através do corpo social inteiro, ameaçando todas as coisas e todo o mundo, já que ninguém está livre da loucura ou da ameaça de um louco (Foucault, 1977 d: 325).

Portanto, conclui Foucault, não se deve supervalorizar o asilo e suas célebres muralhas na história da psiquiatria. Em um trecho de “Os Anormais”, a psiquiatria é retratada como uma espécie de instância de controle subordinada às outras instituições, servindo de *background* sempre pronto a ser evocado, na família, no judiciário, nas “casas de correção”, etc. (Foucault, 1975 d: 189). Voltando à questão do asilo psiquiátrico no artigo de Foucault, esse seria apenas um “berço provisório” da psiquiatria, uma etapa do projeto imperialista, que, todavia, possuiria certas vantagens: seus muros provocam o medo e o alerta da loucura (Foucault, 1977 d: 327).

Mas, então, o que aconteceria com o fim do asilo? Foucault não acredita que sua lógica também morreria com os muros. O fim dos muros, pelo contrário, corresponde a sua lógica disseminada pela sociedade inteira.

E quando na França, propõe-se uma “psiquiatria de setor” que funcionaria fora dos muros do asilo, que responderia as demandas mais do que as imposições, uma psiquiatria aberta, múltipla, facultativa que, em vez de deslocar e isolar os doentes, os deixaria em seu lugar e em seu ambiente, talvez, de fato, estejamos preparando um definhamento do asilo. Mas estaremos nós em ruptura com a psiquiatria do século XIX e com o sonho que ela traria desde sua origem? O “setor” não seria um modo, mais maleável, de fazer funcionar a medicina mental como uma higiene pública, presente por toda a parte e sempre pronta a intervir? (Idem).

A setorização do hospital é inclusive um dos poucos exemplos utilizados por Deleuze sobre a crise das instituições na sociedade de controle. Para o filósofo, “a setorização, os hospitais-dia, o atendimento a domicílio puderam marcar de início novas liberdades, mas também passaram a integrar mecanismos



de controle que rivalizam com os mais duros confinamentos” (Deleuze, 1990: 220).

Em uma de suas entrevistas, concedida no ano de 1973, Foucault comenta algumas tentativas de internamento como estratégia de poder. Havia na França, na Suíça e na Inglaterra do século XIX, as “usinas-conventos”. Nesses estabelecimentos, as internas só podiam sair com autorização e eram “submetidas ao silêncio, à vigilância, às punições” (Foucault, 1973 b: 75). Essas tentativas de internamento se mostraram frustradas, diz Foucault, pois eram muito custosas, tanto economicamente quanto politicamente. Havia uma mobilidade necessária a essas instituições da qual elas não davam conta e, além disso, “o perigo político era imediato; dentro desses conglomerados de pessoas internadas, a coisa estava em ebulição” (Idem).

Trouxemos esse exemplo porque, além da entrevista abordar o confinamento, Gilles Deleuze virá contrapor dois tipos de indivíduos a cada tipo de sociedade: o homem *confinado* da sociedade disciplinar e o homem *endividado* da sociedade de controle (Deleuze, 1990: 224). Foucault, na mesma entrevista acima, discorre sobre esse ponto reafirmado por Deleuze dezessete anos depois, sem, no entanto, remeter à nenhuma outra possível forma social:

Mas a burguesia não abandonou a função do internamento. Ela chegou a obter os mesmos efeitos do internamento através de outros meios. O endividamento do operário, o fato, por exemplo, de que ele é obrigado a pagar seu aluguel um mês adiantado, quando ele só toca em seu salário no fim do mês, a venda à prestação, o sistema de poupança, os recolhimentos de aposentadoria e de assistência, as vilas operárias, tudo isso constitui diferentes meios de controlar a classe operária de uma maneira muito mais branda, muito mais inteligente, muito mais fina, e a fim de seqüestrá-la (Foucault, 1973 b: 76).

Em todo caso, antes de seguirmos adiante, é importante ressaltar que o endividamento da sociedade de controle não é somente financeiro. Ele diz respeito também a uma moratória infinita das instituições, ao contrário da quitação aparente das disciplinas. Assim, o indivíduo permanece dentro dos aparelhos de medicina, de empresa e de formação.

No “Asilo ilimitado”, Foucault analisa o declínio do confinamento sob a perspectiva do funcionamento de uma única instituição. Como se daria então esse processo com as diversas instituições, cada qual com sua função específica? Para

Michel Hardt, as instituições oferecem, cada qual, um “*lugar* discreto” de conduta. Logo, ao se entrar no domínio de uma instituição, o indivíduo se encontraria em um local parcialmente não penetrável por outras práticas disciplinares. Na sociedade de controle, afirma Hardt, o local de efetividade do poder é cada vez mais indefinido. E conclui:

Não se deveria pensar que a crise da família nuclear tenha acarretado um declínio das forças patriarcais; pelo contrário, os discursos e as práticas que invocam os “valores da família” parecem investir todo o corpo social. A crise da prisão significa igualmente que as lógicas e técnicas carcerárias se estenderam, progressivamente, a outros campos da sociedade (Hardt, 2000: 369).

Ocorre, então, um processo de entrelaçamento e de síntese das disciplinas: “continuamos ainda *em família*, na escola, na prisão, e assim por diante” (Hardt, 2000: 368).

## 5.4

### Controle enquanto modulação

Para Deleuze, a sociedade disciplinar opera segundo *moldes*. Já a sociedade de controle opera através de *modulações* (Deleuze, 1990: 221). Os moldes da sociedade disciplinar podem ser vistos de forma bem clara na questão do funcionamento de suas instituições e na forma de se utilizar os mecanismos normalizadores. A norma, numa instituição, estipularia uma penalidade hierarquizante a partir dos desvios. Para Foucault, esse tipo de penalidade proporciona um efeito, como por exemplo, no colégio:

Distribuir os alunos segundo suas aptidões e seu comportamento, portanto segundo o uso que se poderá fazer deles quando saírem da escola; exercer sobre eles uma pressão constante, para que se submetam todos ao mesmo modelo, para que sejam obrigados todos juntos ‘à subordinação, à docilidade, à atenção nos estudos e nos exercícios, e a exata prática dos deveres e de todas as partes da disciplina’. Para que, todos, se pareçam (Foucault, 1975 b: 163).

Ao invés de um molde fixo para os indivíduos, o controle opera por modulações, flexíveis e maleáveis, como “uma moldagem auto-deformante que mudasse continuamente, a cada instante, ou como uma peneira cujas malhas mudassem de um ponto ao outro”. (Deleuze, 1990: 221)

Deleuze usa o exemplo dos salários numa empresa. A empresa, diz Deleuze, substitui a fábrica, e ao contrário desta, ela é um “gás”, uma “alma”. Os salários na empresa não são fixos, mas sim moduláveis de acordo com desempenho. O filósofo evoca os programas televisivos de perguntas e respostas. Para o autor, eles fazem tanto sucesso porque exprimem exatamente a situação do indivíduo na empresa. Os exemplos de modulação no mundo contemporâneo são singulares e virtualmente infinitos, dada à própria natureza da modulação. São exemplos da capacidade do poder de se adaptar de forma muito mais eficiente às singularidades. Para usarmos uma ilustração significativa, tomemos as formas de atendimento *in loco* da psiquiatria contemporânea. A “setorização”, que a nova psiquiatria utiliza, faz com que a intervenção realizada tenha mais em conta a relação entre o paciente e seu *habitat*, amparada, sem dúvida, pelo controle exercido pelos psicotrópicos. Portanto, é uma situação muito diferente das instituições fechadas. Aos olhos destas, a setorização faz com que o indivíduo tenha que lidar com “estrangeiros”, com o lado de fora. Já aos olhos do controle, não há fora, não há estrangeiros.

A questão pode ser vista também nos avanços da biotecnologia, com a modulação da informação genética. Essa nova tecnologia que se desenvolve no século XX e início do século XXI, segundo Jeremy Rifkin, seria equivalente à descoberta do fogo por sua capacidade de modificar as coisas, ao isolar e identificar os genes e recombiná-los. Segundo Rifkin:

Mudanças genéticas poderiam ser feitas em fetos humanos dentro do útero para corrigir defeitos e curar doenças mortais, bem como para enriquecer os traços de humor, de comportamento, de inteligência e até traços físicos (1999: 03).

O corpo humano, ao qual se aplicam forças, o qual é treinado, exercitado, agora também passa a ser modificável em sua gênese. Como vimos, o soldado da época da soberania era alguém que possuía um “dom”, dado pela natureza ou pelas circunstâncias. Na era moderna, o soldado passou a ser fabricado através da disciplina. Com a biotecnologia, observamos um novo estágio do biopoder: o soldado possui um dom, mas um dom ele próprio fabricável. Isso não exclui, evidentemente, a anátomo-política. Trata-se de um processo no qual emerge um novo mecanismo de controle que irá se exercer através de uma modulação da informação.

Assim se obtém um controle sobre o corpo na sua gênese. Para Rifkin (1999: 122), se podemos controlar aspectos de nossa evolução, a eugenia se tornará, em uma sociedade como a nossa, mais uma opção de consumo. Além da modificação genética, a própria leitura dos genes poderia, num futuro hipotético, servir como mecanismos de controle. Segundo o autor,

essa mesma ‘informação genética’ poderia ser usada por escolas, empregadoras, companhias de seguro, e agências governamentais para determinar traços educacionais, expectativa profissional, prêmios de seguro e cargos de confiança, gerando uma nova e virulenta forma de discriminação baseada no perfil genético das pessoas (Rifkin, 1999: 03).

A informação e a comunicação possuem a característica de ser moduláveis. Como a sociedade de controle diz respeito à relação do homem com máquinas que exercem essas funções, é necessário traçar algumas características das novas formas de trabalho derivadas das novas relações com as forças do homem. Isso não deixa de ter relação, portanto, com o conceito de *trabalho imaterial* elaborado por Hardt e Negri em “Multidão”. Se no auge da modernidade, o trabalho industrial era hegemônico, tendo transformado inclusive o trabalho agrícola com a mecanização do campo, o mesmo ocorre na contemporaneidade com o trabalho imaterial, transformando tanto a indústria quanto a agricultura, e por fim, todas as relações sociais. É necessário, devido à abrangência do tema, caracterizar precisamente o que os autores entendem por trabalho imaterial. Para Hardt & Negri, o conceito de trabalho imaterial abrange duas categorias:

A primeira refere-se ao trabalho que é primordialmente intelectual ou lingüístico, como a solução de problemas, as tarefas simbólicas e analíticas e as expressões lingüísticas. Esse tipo de trabalho imaterial produz idéias, símbolos, códigos, textos, formas lingüísticas, imagens e outros produtos do gênero. Chamamos a outra forma fundamental de trabalho imaterial de “trabalho afetivo”. Ao contrário das emoções, que são fenômenos mentais, os afetos referem-se igualmente ao corpo e a mente. (...) O trabalho afetivo, assim, é o trabalho que produz ou manipula afetos como a sensação de bem estar, tranqüilidade, satisfação, excitação e paixão. Podemos identificar, por exemplo, no trabalho dos assessores jurídicos, comissários de bordo e atendentes de lanchonete (serviço com sorriso) (Hardt & Negri, 2004: 149).

Muito se argumenta que a ênfase no trabalho imaterial é exagerada, pois não representa numericamente a maioria dos trabalhadores. Se é verdade que os

tipos de trabalho imaterial não param de crescer (Friedman, 2005: 265), para Hardt e Negri o que é mais importante não é o número de trabalhadores nesse setor da economia, mas sim seu poder de transformar a vida social. Porém, veremos um exemplo no campo do trabalho imaterial “puro e simples”, para se criar uma imagem mais clara do controle nesse domínio. Trata-se de uma objetivação do sujeito produtivo no campo da produção de informação.

Como o trabalho imaterial lida com idéias e produção de informação, prescinde muitas vezes de ser executado em um determinado lugar específico. Embora realizado por sujeitos individuais, esse tipo de trabalho é, no mundo contemporâneo, parte de uma cadeia, assim como em uma fábrica operários realizam etapas na produção de bens materiais. Há um *fluxo de trabalho* sobre o qual deverá se exercer um controle. Na virada para o século XXI, foram desenvolvidos programas de computador destinados a gerenciar esse fluxo de informação: são os programas de *workflow*<sup>7</sup>. Eis uma breve definição desses programas:

Os sistemas de workflow permitem aos utilizadores codificar os processos de transferência de conhecimento quando se requer um método mais rígido de transferência. O workflow aplica-se a processos desse tipo que exigem a preparação de informação estruturada e ordenada. Num processo organizacional, cada utilizador desempenha um papel diferente e todos os utilizadores precisam partilhar informação e coordenar o desenvolvimento de atividade. O objetivo do workflow é determinar o fluxo do processo, mostrando as etapas corretas para a concretização do mesmo e acompanhando constantemente todas as atividades que o compõe (Silva & Neves *org.* 2003: 220)<sup>8</sup>.

Os programas de *workflow* são mecanismos de controle que estipulam etapas corretas e permitem visualizar onde o trabalho se encontra parado ou pouco

---

<sup>7</sup> Os *softwares* de fluxo de trabalho mais utilizados são *IBM Lotus Notes* e *IBM Lotus Domino*. Em uma entrevista, embora Foucault não estivesse se referindo ao trabalho imaterial, encontramos uma admirável coincidência:

Hoje o controle é menos severo e mais refinado sem ser, contudo, menos aterrorizador. (...) Cada indivíduo, considerado separadamente, é normatizado e transformado em um caso controlado por um IBM. Em nossa sociedade, estamos chegando a refinamentos de poder os quais aqueles que manipulavam o teatro do terror nem sequer haviam sonhado. (Foucault, 1978 e: 307)

<sup>8</sup> Um fato curioso é que essa definição de *workflow* se encontra num livro intitulado "Gestão de Empresas na Era do Conhecimento", organizado por dois autores, sendo o capítulo destinado ao *workflow* escrito por quatro pessoas e o livro como um todo possui nada menos do que vinte e seis autores.

desenvolvido. Ele facilita e aperfeiçoa a produtividade organizacional. O grande trabalho do grupo é regulado assim em um espaço virtual.

Assim como o panóptico, o *workflow* permite analisar “distribuições, desvios, séries, combinações, e utiliza[r] instrumentos para tornar visível, registrar, diferenciar, e comparar”. (Foucault, 1975 b: 183) No caso do trabalho imaterial, o *workflow* lidará com a força produtiva, com o homem-máquina (mesmo que esta seja cibernética).

Mas as outras formas de trabalho também se modificam com a inclusão da informática. Usaremos um exemplo do livro “O Mundo É Plano”, do jornalista americano Thomas Friedman, para mostrar o desenvolvimento e a comunicabilidade entre os *softwares*, que passaram então a fazer parte de diversos tipos de tarefas, a todo fluxo que pudesse ser otimizado, sem limites de fronteiras:

Para a Boeing, era imprescindível que os sistemas computadorizados de pedidos de suas fábricas de aeronaves nos EUA mantivessem um fluxo constante de reabastecimento de peças para as companhias aéreas de seus clientes, fosse qual fosse o país de origem de cada pedido. Do mesmo modo, os médicos necessitavam de programas que permitissem a leitura de uma radiografia tirada em Bangor por alguém que estivesse em Bangalore, sem que o médico em Maine tivesse que parar para se preocupar com o tipo de máquina existente no hospital indiano. E mamãe e papai queriam que o software e o site do seu banco, o da sua corretora, o servidor de e-mail do escritório e o programa de planilha eletrônica funcionassem todos no laptop de casa e se comunicassem sem problemas com o computador de mesa do trabalho (Friedman, 2005: 92).

Por esses exemplos (e por outros levantados anteriormente), podemos observar que os aspectos da sociedade de controle, embora apresentados aqui separadamente para fins acadêmicos, estão interligados entre si. O controle só pode ser exercido ao “ar livre” porque é adaptável e modulável às situações, e inclusive pela capacidade de transferência instantânea de informação.

## 5.5

### Controle, *Marketing* e Banco de Dados

Para Deleuze, essas transformações no âmbito do poder são, antes de tudo, mudanças no capitalismo. Um capitalismo que não é voltado para a produção, mas para a sobre-produção. Em suas palavras:

Atualmente o capitalismo não é mais dirigido para a produção, relegada com frequência à periferia do Terceiro Mundo. (...) É um capitalismo de sobreprodução. Não compra mais matéria-prima e já não vende produtos acabados: compra produtos acabados, ou monta peças destacadas. O que ele quer vender são serviços, e o que quer comprar são ações (Deleuze, 1990: 223).

Até mesmo a produção industrial no mundo contemporâneo se transformou, com o *toyotismo*. Nesse modelo, os funcionários desempenham funções múltiplas e a produção é realizada em lotes pequenos, de diferentes produtos, que se ajustam à customização e às necessidades do *just in time*<sup>9</sup>. Um capitalismo voltado, portanto, para o mercado. A mudança é grande, pois se nas fábricas reduzia-se os custos e aumentava-se a disciplina para obter um aumento de produção, no âmbito de uma empresa “pós-moderna”, essa produção estará de acordo com os mecanismos de controle dos mercados. Segundo Deleuze, o capitalismo contemporâneo é dispersivo, ao contrário de sua etapa anterior a qual concentrava forças.

Mas a referência ao *marketing* é breve no curto artigo de Deleuze:

As conquistas de mercado se fazem por tomada de controle e não mais por formação de disciplina, por fixação de cotações mais do que por redução de custos, por transformação do produto mais do que por especialização da produção. A corrupção ganha aí uma nova potência. O serviço de vendas tornou-se o centro ou a “alma” da empresa. Informam-nos que as empresas têm uma alma, o que é efetivamente a notícia mais terrificante do mundo. O marketing é agora o instrumento de controle social, e forma a raça impudente de nossos senhores (Deleuze, 1990: 224).

O *marketing* é, nós sabemos, o instrumento da venda; desenvolve as características do produto e igualmente a melhor forma de apresentá-lo. Implica em um gerenciamento das “percepções”, das imagens dos produtos e serviços. Portanto, o marketing é essencialmente dispersivo e comunicacional, pois o que pretende atingir são *mercados*, os quais ele provoca, incita e tenta capturá-los por mecanismos múltiplos e ínfimos que beiram a paranóia. O *marketing* permite

---

<sup>9</sup> Sobre o toyotismo, ver [www.cefetsp.br/eso/toyotismodireto.html](http://www.cefetsp.br/eso/toyotismodireto.html), onde se encontra também o seguinte trecho importante:

“Os empregados, assim, são dispostos em um grupo de trabalho, os ‘círculos de controle de qualidade’ (CCQ), que são treinados continuamente, desempenhando o líder o papel de ‘engenheiro de produção’. Tudo isso porque a produção no fordismo era voltada para os recursos financeiros da empresa, enquanto que a produção no toyotismo é voltada para a demanda do mercado. Assim, já não mais se produz conforme a capacidade produtiva da empresa, mas conforme a capacidade aquisitiva do mercado.”

ampliar constantemente o mercado, gerando sempre uma procura. Ele tem como objetivo, portanto, *causar ações*. Na obra de Foucault, porém, a objetivação do sujeito econômico foi estudada do ponto de vista da produção, do sujeito *produtivo*. Já para a “gerência de vendas”, essa objetivação se dá, por sua vez, em termos de um sujeito *consumidor*. Mas isso não implica em dizer que a questão não possa ser trabalhada pela analítica foucaultiana, visto que é inclusive abordada pelo filósofo em uma de suas entrevistas, sobre a relação entre corpo, poder e resistência:

O corpo se tornou aquilo que está em jogo numa luta entre pais e filhos, entre a criança e as instâncias de controle. A revolta do corpo sexual é o contra-efeito dessa ofensiva. Como é que o poder responde? Através de uma exploração econômica (e talvez ideológica) da erotização, desde os produtos para bronzear até os filmes pornográficos... Como resposta à revolta do corpo, encontramos um novo investimento que não tem mais a forma do controle-repressão, mas de controle-estimulação: ‘Fique nu... mas seja magro, bonito e bronzeado!’ A cada movimento de um dos dois adversários corresponde o movimento do outro (Foucault, 1977 b: 147).

O estudo desse domínio é essencial para a contemporaneidade, pois o *marketing* além de vender produtos, vende também subjetividades, sensações e estilos de vida. Mas, para continuarmos nossa análise, devemos retornar ao artigo de Deleuze.

O controle, conforme o filósofo o define, não se dirige a *indivíduos* nem a *massa*, mas sim a um *banco de dados*. A sociedade disciplinar e o poder pastoral apresentavam dois pólos de atuação, um individualizante e outro massificante. O controle, por sua vez, se valerá de dados e amostras. O *marketing* analisa estatísticas e curvas: aumento de consumo, perfis de consumidor e todo um conjunto de características que não remetem necessariamente à unidade do indivíduo e tampouco à unidade da massa<sup>10</sup>. Deleuze afirma que o indivíduo

<sup>10</sup>Segundo um artigo do jornal “O Globo” de 17 de novembro de 2004, assinado pelo jornalista Toni Marques, George Bush se valeu em sua campanha de 2004 de um programa de computador chamado *Compstat*, responsável por uma revolução na polícia de Nova Iorque. Esse *software* permite levantar e cruzar quaisquer dados, em tempo real, em qualquer campo demográfico. A demografia, que para Hardt e Negri é “a ciência social mais firmemente ligada ao biopoder” (Hardt & Negri, 2005, pg. 216), foi utilizada para esse fim eleitoral através de uma análise precisa do banco de dados do censo americano, que permitiu a Bush modular seu discurso de forma muito mais eficiente, de acordo com as amostras apresentadas. O *Compstat* atualmente é utilizado para questões imigracionais na Europa. O “Projecto Europeu Compstat” pode ser conferido no endereço [www.oi.acime.gov.pt/modules.php?name=News&file=article&sid=217](http://www.oi.acime.gov.pt/modules.php?name=News&file=article&sid=217).



torna-se “dividual” (Deleuze, 1990: 222). Conforme vimos no primeiro capítulo desse trabalho, o biopoder atua estabelecendo “práticas divisórias”, que, nas palavras de Foucault, “dividem o indivíduo em relação aos outros e a si mesmo”. Os exemplos de loucura e delinquência levantados por ele, por mais que possam variar, remetem a identidades individuais. Já o controle exercido pelo *marketing*, por exemplo, operará segundo segmentos de mercado, através de objetivações moduláveis de um sujeito consumidor dissolvido no campo social.

O banco de dados, por sua vez, implica em outra questão importante que é a do *acesso*. Para Deleuze, a *senha* substitui a *palavra de ordem* na sociedade de controle. A senha não remete ao indivíduo, mas ao número. Ela não implica em uma relação entre palavras de ordem e obediência: o acesso, no caso, é simplesmente negado.

## 5.6

### O panoptismo e o diagrama

Em comparação com a sociedade disciplinar, a relativa popularidade do termo sociedade de controle (encontrado algumas vezes fora do âmbito acadêmico e mesmo sem referência alguma a Deleuze ou a Foucault), talvez se dê pelo fato da relação envolver a todos, ao contrário das disciplinas aplicadas dentro dos muros e longe dos olhos. Sua expressão mais caricata e popular, a câmera de vídeo, está cada vez mais presente na vida comum. Infelizmente, no artigo de Deleuze, não há menção ao panoptismo. Já o artigo de Hardt se refere a uma substituição do panoptismo pelo mercado mundial. Podemos considerar essa passagem de Hardt como o aparecimento do mercado mundial enquanto forma de controle primordial, um grande motor de produção da vida, onde os próprios indivíduos estão motivados e asseguram o funcionamento do poder. Mas, de qualquer forma, não podemos evocar o mercado mundial para esclarecer como, em nossa sociedade, os mecanismos de visibilidade se multiplicaram.

Vigia-se os empregados, os moradores, o trânsito, as confusões, o “terror”. Deleuze afirma que William Burroughs começou a análise da sociedade de controle. Eis como o escritor, em 1959, retratou seu mundo fantástico:

Os cidadãos estavam sujeitos a serem detidos na rua a qualquer momento; então o Inspetor, que poderia estar à paisana ou fardado com algum dos diversos modelos de uniformes, (...) aplicava seu carimbo depois de verificar cada documento. Na inspeção subsequente, o cidadão precisava mostrar os carimbos adequadamente aplicados na última inspeção. (...) Holofotes passavam a noite inteira esquadrinhando a cidade (ninguém tinha permissão para usar persianas, cortinas, venezianas ou reposteiros). (...) Ninguém tinha permissão para colocar ferrolhos nas portas e a polícia tinha chaves mestras capazes de abrir todos os cômodos da cidade. Acompanhados por um telepata, entravam de supetão e começavam a “vasculhar” (Burroughs, 1959: 30).

Trazer à luz o que se passa na casa, debaixo da cama, dos móveis, nos bolsos, nas mentes... Foucault retratou dois cenários em seu trabalho destinado à análise do panoptismo: o combate à peste e a exclusão da lepra. O combate à peste remete ao controle generalizável às mínimas coisas, já o modelo da lepra remete ao Fechamento, “uma prática de rejeição, do exílio-cerca” (Foucault, 1975 b: 175). Esses dois modelos seriam as bases da sociedade disciplinar. Um edifício fechado em forma de anel foi, na época, a possibilidade encontrada por Bentham para colocar em ação um princípio de tecnologia política. Esse princípio de visibilidade foi vislumbrado na forma de um modelo institucional, mas não remete necessariamente ao enclausuramento ou a uma torre central. Bentham sonhava fazer

uma rede de dispositivos que estariam em toda a parte e sempre alertas, percorrendo a sociedade sem lacuna nem interrupção. O arranjo panóptico dá a fórmula dessa generalização. Ele programa, ao nível de um mecanismo elementar e facilmente transferível, o funcionamento de base de uma sociedade toda atravessada e penetrada por mecanismos disciplinares (Foucault, 1975 b: 184).

Antes de continuarmos nossa abordagem, é necessário dizer ainda algumas palavras sobre o panoptismo. Foucault definiu o panóptico como uma máquina de dissociar o par ver-ser visto. Esse aspecto permite tornar impessoal o poder e garantir o seu funcionamento automático. Nasce daí, portanto, uma sujeição real de uma relação fictícia; relação de observação, não de comunicação. A máquina panóptica permite a qualquer pessoa, teoricamente, verificar seu funcionamento apenas visualizando seu arranjo, fazendo com que ele próprio se torne fiscalizável, ao criar “uma forma de controle sobre seus próprios mecanismos” (Foucault, 1975 b: 180). Isso não se sustentaria, na prática, sem uma grande quantidade de anotações e registros, constituindo assim o que Foucault chamou certa vez de

“laboratório humano”: uma produção de relatórios e classificações; uma “contabilidade”. Para o filósofo, se o edifício panóptico era um sonho de Bentham, “a fiscalização moderna, os asilos psiquiátricos, os fichários, os circuitos de televisão e tantas outras tecnologias que nos envolvem são sua concreta aplicação” (Foucault, 1975 c: 156).

Não podemos ignorar, portanto, a capacidade sobre-humana do meio digital de armazenar, processar e transmitir informações. As relações sociais na contemporaneidade, intermediadas pela tecnologia, passaram a se também registráveis, “*on the record*”, pelos e-mails, vídeos, *MSN*, celulares, nas compras com cartão, etc.<sup>11</sup> Em nossa vida empresarial, um simples comunicado por e-mail é considerado um documento que se pode inclusive, dependendo da rede, verificar seu envio e a abertura do arquivo.

Essa vigilância permite cruzar informações fiscalizando, estudando e estabelecendo inquéritos precisos de forma nunca antes concebível: saques no banco, telefonemas recebidos, vídeos internos de um prédio ou loja, pagamentos com cartão de crédito, passagens pelo pedágio, acesso à internet, etc.

O processo que nós vivemos na contemporaneidade é de uma intensa documentação das relações humanas.<sup>12</sup> A mudança é visível no cotidiano dos famosos, no campo judiciário e nas questões de segurança dos Estados. Foucault irá dizer que com o surgimento na França da vigilância pela polícia, no século XVIII, produziu-se

um imenso texto policial [que] tende a recobrir a sociedade inteira graças a uma organização documental complexa. E ao contrário dos métodos de escrita judiciária ou administrativa, o que é assim registrado são comportamentos, atitudes, virtualidades, suspeitas – uma tomada de contas permanente do comportamento dos indivíduos (Foucault, 1975 b: 188).

<sup>11</sup> “A conversa do dia a dia costumava ser efêmera. Cara a cara ou pelo telefone, nós podíamos estar razoavelmente certos de que o que nós dizíamos iria desaparecer em seguida. É claro, os chefes do crime organizado se preocupavam com grampos telefônicos e escutas pelos cômodos, mas isso era uma exceção. Privacidade era o que se supunha de princípio”.

Trecho do artigo “*Casual Conversation, R.I.P.*”, de Bruce Shneider, que pode ser lido na íntegra, em inglês, no site: [http://www.forbes.com/home/security/2006/10/18/nsa-im-foley-tech-security-cx\\_bs\\_1018security.html](http://www.forbes.com/home/security/2006/10/18/nsa-im-foley-tech-security-cx_bs_1018security.html)

<sup>12</sup> Costuma-se referir a esse processo atual como uma “invasão de privacidade”. Na verdade, ele corresponde menos a uma *invasão* do que a uma *evasão*: uma amplificação, multiplicação dos discursos sobre o indivíduo.

Mas os bancos de dados não são utilizados somente para a anátomo-política, embora esta sempre possa fazer parte de uma atuação de poder mais ampla. Os controles reguladores já se apoiavam na disciplina prévia, mas para produzir efeitos de ordem probabilística a longo prazo. A sociedade de controle pode também se valer do banco de dados para produzir efeitos estimáveis a prazos variáveis, como o *marketing* e os projetos de qualidade de vida realizados pelo governo, mídia, entidades e iniciativa privada. Se em todo caso o *marketing* se apóia num banco de dados, este não irá remeter aos indivíduos, mas às conclusões que se pode obter com os números. As táticas do *marketing* – em uma de suas formas capilares, o anúncio publicitário - fazem lembrar até mesmo os tempos da soberania, quando o poder se exercia pela exibição da sua força: uma dessimetria entre a plenitude oferecida pela propaganda e as mudanças concretas que a aquisição acarreta.

O panoptismo é um laboratório de biopoder; Foucault diz ser necessário destacá-lo de qualquer uso específico. Pode-se intensificar e tornar mais leve qualquer tipo de aparelho de poder. Mas que formulação poderia abranger as estratégias contemporâneas sem precisar remeter necessariamente à imagem característica das sociedades disciplinares, ao espaço restrito e à determinação de conduta?

Para Foucault, o panóptico corresponde a um *diagrama* de poder, levado à sua forma arquitetônica ideal: quanto mais os edifícios e seu funcionamento se assemelhassem aos da prisão, com mais intensidade o poder atuaria. Mas isso não quer dizer que um edifício seja o máximo de eficácia desse poder produtivo e desse dispositivo funcional. Como afirma Foucault, o fato do panóptico ter sido elaborado na forma de instituição e ter dado lugar “a tantas variações projetadas ou realizadas, mostra qual foi durante quase dois séculos sua intensidade imaginária”. (Foucault, 1975 b: 181). O panoptismo está ligado ao crescimento das forças sociais, como a educação, o trabalho e a saúde. Sua tendência operacional é facilitar o desenvolvimento dessas forças e não atrapalhar com a exigência do confinamento.

A majoração produtiva do poder só pode ser assegurada se por um lado [o panóptico tiver] possibilidade de se exercer de maneira contínua nos alicerces da sociedade, até seu mais fino grão, e se, por outro lado, ele funciona fora daquelas

formas súbitas, descontínuas, que estão ligadas ao exercício da soberania (Foucault, 1975 b: 183).

Deleuze, inspirado em Foucault, irá definir o *diagrama* como um mapa, uma cartografia de forças, co-extensiva a todo o campo social. Um campo de forças, um campo de visão, por meio do qual se pode determinar uma estratégia: a “emissão, distribuição das singularidades” (Deleuze, 1986: 79). Contudo, nenhuma dessas singularidades estará no diagrama *a priori*, mas somente enquanto força<sup>13</sup>.

Trata-se, na verdade, de uma “superposição” de mapas, uma “disposição das relações de forças que constituem o poder, segundo os caracteres levantados anteriormente” (Deleuze, 1986: 46)<sup>14</sup>. Os diferentes tipos de sociedade tiveram diferentes tipos de diagrama. Por exemplo, a grande mudança instaurada pela modernidade: o foco de poder no corpo do soberano deslocou-se, com o panoptismo, para as forças do ser vivo. É o surgimento de um novo diagrama. Eis como Foucault aborda a diferença instaurada pela sociedade disciplinar:

As disciplinas são técnicas para assegurar a ordenação das multiplicidades humanas. É verdade que não há nisso nada de excepcional, nem mesmo de característico: a qualquer sistema de poder se coloca o mesmo problema. Mas o que é próprio das disciplinas, é que elas tentam definir em relação às multiplicidades uma tática de poder que responde a três critérios: tornar o exercício de poder o menos custoso possível (economicamente, pela parca despesa que acarreta; politicamente, por sua discrição, sua fraca exteriorização, sua relativa invisibilidade, o pouco de resistência que suscita); fazer com que os efeitos desse poder social sejam levados a seu máximo de intensidade e estendidos tão longe quanto possível, sem fracasso, nem lacuna; ligar enfim esse crescimento “econômico” do poder e o rendimento dos aparelhos no interior dos quais se exerce (sejam os aparelhos pedagógicos, militares, industriais, médicos) (Foucault, 1975 b: 191).

O desenvolvimento do biopoder até o início do século XX se caracterizou pelo ordenamento pouco numeroso de indivíduos em meios fechados. Era onde a disciplina encontrava um máximo de potencialidade. Vimos anteriormente que

<sup>13</sup> Mesmo no caso do monitoramento pelos *transponders* há uma produção de saber. Esta pode ser atravessada por um foco de luz suficiente para que o poder se exerça de maneira preventiva.

<sup>14</sup> É necessário, portanto, atenção ao se utilizar a palavra *mapa*. Talvez a melhor imagem seja a de um mapa meteorológico, como nessa passagem do Tao Té Ching: “O novo, o espontâneo, o que de instante em instante se revela. Caminho é sempre novo, dependente das configurações, não é algo a ser encontrado num velho alfarrábio ou mapa”.

Foucault estava longe de considerar o internamento fundamental. Para Deleuze (1986: 50), se na sociedade disciplinar havia segmentos, “descontinuidades formais”, havia também, de qualquer forma, uma “comunicação” pelo diagrama. Assim, a mesma estratégia era visualizada, dando uma continuidade ao controle: as escolas, os quartéis, as prisões, os asilos psiquiátricos e os hospitais ligavam-se uns aos outros pelo diagrama, estabelecendo “coeficientes de intensidade” que se estendiam pelo campo social. Sobre a sociedade disciplinar, afirma Deleuze:

[Os agenciamentos] se comunicam na máquina abstrata que lhes confere uma microsegmentaridade flexível e difusa, de forma que eles todos se parecem, e a prisão se estende através dos outros, como as variáveis de uma mesma função sem forma, de uma função contínua (a escola, o exército, a oficina, já são prisões...) Se não paramos de ir de um pólo ao outro é porque cada agenciamento efetua a máquina abstrata, em maior ou menor grau. (...) O próprio método de Foucault adquire aqui um máximo de flexibilidade (Deleuze, 1986: 50).

Mais adiante em sua argumentação, Deleuze irá se referir às três fases da prisão no mundo ocidental. A primeira fase é a do seu uso apenas paralelo e auxiliar na soberania. A segunda é a das sociedades disciplinares, quando a prisão estará presente nas instituições austeras. Como disse Foucault: “devemos nos admirar que a prisão se pareça com as fábricas, com as escolas, com os quartéis, com os hospitais, e todos se pareçam com as prisões?” (Foucault, 1975 b: 199). Em uma terceira fase, também se poderia atingir os efeitos que a prisão produz, desta vez em um espaço aberto, caso as sociedades disciplinares encontrassem

outros meios de realizar seus objetivos penais e de efetuar o diagrama em toda a sua extensão: daí o tema da reforma penitenciária, que obcecará cada vez mais o campo social e, no limite, destituiria a prisão de sua exemplaridade, fazendo-a voltar ao estado de agenciamento localizado, restrito, separado. Tudo se passa como se a prisão, como um ludião, subisse e descesse uma escada de efetuação do diagrama disciplinar. Há uma história dos agenciamentos, assim como há um devir e mutações de diagrama (Deleuze, 1986: 51).

Observam-se, nessa passagem do livro que Deleuze escreve em homenagem a Foucault, claros indícios de sua futura elaboração sobre a sociedade de controle. Deleuze propõe, na verdade, uma leitura do método foucaultiano já aos olhos da nova estratégia.